

Quando a fé deixa de ser performance

Para quem chegou à Ortodoxia, mas ainda está aprendendo a simplesmente permanecer diante de Deus

Você chegou à Igreja porque alguma coisa o trouxe até aqui. Talvez tenha atravessado diferentes comunidades cristãs, conhecido pregadores, participado de grupos, acumulado leituras, experiências e maneiras distintas de falar sobre Deus. Talvez tenha aprendido muito sobre a Bíblia. Talvez tenha vivido experiências religiosas intensas. E agora, diante da Ortodoxia, nasceu em você uma convicção sincera: **“É aqui que desejo permanecer. Quero aprender a viver como cristão.”**

Esse desejo é precioso. Mas talvez seja justamente aqui que comece uma das etapas mais difíceis da conversão.

Porque ninguém chega à Igreja de mãos vazias. Trazemos conosco nossa história, nossas feridas, nossas certezas, nossos medos e também determinados hábitos religiosos. Algumas coisas que recebemos poderão ser preservadas e amadurecidas. Outras precisarão ser corrigidas. E haverá coisas das quais precisaremos simplesmente nos desapegar.

O problema é que podemos tentar fazer tudo isso depressa demais.

Descobrimos a beleza da Liturgia, dos ícones, dos Santos Padres, da tradição ascética. Aprendemos novas palavras, conhecemos os jejuns, adquirimos livros, descobrimos a Oração de Jesus, começamos a compreender as diferenças entre a Ortodoxia e outras tradições cristãs. Tudo isso pode ser muito bom.

Mas existe um perigo silencioso: podemos aprender rapidamente a parecer ortodoxos sem ainda termos aprendido a permanecer humildemente diante de Deus.

Mudamos a performance, mas continuamos performando.

Quando o “eu religioso” continua no centro

Algumas experiências religiosas podem nos acostumar, mesmo sem percebermos, a medir nossa vida espiritual pelo que conseguimos demonstrar: a intensidade da oração, a certeza das respostas, o

conhecimento bíblico, as experiências interiores, o entusiasmo, a capacidade de falar sobre Deus.

Ao chegar à Ortodoxia, podemos simplesmente transportar essa mesma lógica para outro ambiente. Agora queremos conhecer os Padres, cumprir corretamente os jejuns, possuir uma regra de oração, saber responder às questões teológicas, utilizar corretamente o vocabulário da Igreja e demonstrar que compreendemos a verdadeira fé.

Os sinais mudaram. **Mas talvez o “eu religioso” continue exatamente no mesmo lugar: no centro.**

Quanto sei? Quanto rezo? Quanto consigo cumprir? Quanto compreendo? Quanto já mudei? Estou fazendo corretamente? Já pareço verdadeiramente ortodoxo?

Até a Ortodoxia pode, então, transformar-se em uma identidade que precisamos sustentar.

Mas Cristo não nos chama para construirmos uma versão religiosamente bem-sucedida de nós mesmos. Ele nos chama para que possamos finalmente apresentar-Lhe aquilo que realmente somos.

Por isso a oração do publicano é tão decisiva:

“Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador.”

Ele não apresenta currículo espiritual. Não explica quanto conhece. Não compara sua fé com a dos outros. Nem sequer procura demonstrar que seu arrependimento é suficientemente profundo. Ele simplesmente **permanece** diante de Deus em verdade.

Talvez esse seja um dos primeiros grandes aprendizados da vida ortodoxa: **você não precisa impressionar Deus.**

... “Padre, eu sei que pequei, mas não consigo sentir arrependimento”

Essa talvez seja uma das experiências mais dolorosas para quem começa a levar seriamente a vida espiritual. Reconhecemos nossos pecados. Sabemos que determinadas escolhas nos afastaram de Deus. Lemos sobre arrependimento, compunção e lágrimas. Então procuramos dentro de nós aquela dor profunda que imaginamos que um verdadeiro cristão deveria sentir.

E não a encontramos.

Surge então uma nova acusação: “Meu coração está endurecido. Talvez Deus esteja distante. Talvez a graça não esteja agindo em mim.”

É precisamente aqui que precisamos ter cuidado, porque **até o arrependimento pode transformar-se em performance**. Podemos começar a procurar dentro de nós os sentimentos que imaginamos que um bom cristão deveria possuir.

São João Clímaco, grande mestre do arrependimento, é surpreendentemente sóbrio nesse ponto. Ele conheceu pessoas que derramavam poucas lágrimas e outras que choravam abundantemente, e adverte que não devemos medir pela exterioridade a verdade da compunção. E chega a aconselhar aquele que não possui lágrimas a reconhecer diante de Deus justamente essa pobreza. Que libertação existe nisso!

A Igreja não nos ensina a fabricar lágrimas.

Se você ainda não consegue chorar pelos seus pecados, não precisa fingir diante de Deus uma dor que ainda não possui. Pode simplesmente dizer: “Senhor, eu reconheço meu pecado, mas meu coração está frio.” “Eu gostaria de desejar-Te mais do que desejo.” “Quero arrepender-me, mas percebo que nem mesmo sei arrepender-me como deveria.” E talvez: **“Senhor, dá-me o arrependimento que ainda não sei ter.”** Isso já é muito diferente da indiferença. A pessoa indiferente não se importa com a própria distância de Deus. Quem sofre porque não consegue arrepender-se como gostaria **já está voltado para Ele**, ainda que não perceba.

São Sofrônio de Essex ajuda-nos a compreender por quê. Para ele, o arrependimento não é simplesmente um sentimento de culpa; é um dom de Deus que começa a transformar nossa maneira interior de existir e nossa própria visão do mundo. Portanto, não confunda **ausência de emoção religiosa com ausência da graça**.

A graça não é uma experiência que controlamos

Esse talvez seja um desapego particularmente difícil. Queremos saber se nossa oração “funcionou”. Queremos perceber se Deus esteve conosco. Queremos reconhecer os efeitos da graça. E, quando nada sentimos, começamos a pensar que alguma coisa deu errado.

Mas a tradição espiritual é muito mais cautelosa.

São Teófilo, o Recluso, recorda que a oração profunda não é algo que conseguimos produzir simplesmente por nossa vontade. Há momentos em que ela nos é concedida com grande intensidade e outros em que precisamos simplesmente **trabalhar e perseverar na oração**. Quando a mente se dispersa, voltamos. Quando a atenção desaparece, recomeçamos. Quando não encontramos palavras, apresentamos a Deus exatamente nossa pobreza. Isso significa que a aridez também pode tornar-se lugar de encontro com Deus.

Talvez você tenha aprendido a procurar Deus principalmente na intensidade. Agora precisa aprender a reconhecê-Lo também na **fidelidade**. Continuar rezando quando a oração é pobre. Continuar indo à Liturgia quando não acontece nada extraordinário. Continuar confessando sinceramente os mesmos combates. Continuar pedindo misericórdia. Continuar. Não porque Deus esteja distante, mas porque a vida cristã está deixando de depender daquilo que você consegue sentir.

Não tenha pressa de tornar-se aquilo que ainda está aprendendo a ser

Há uma sabedoria extraordinária no Catecumenato: **a Igreja lhe dá tempo**. Tempo para escutar. Tempo para perguntar. Tempo para desaprender. Tempo para aprender novamente. Tempo para deixar que certas certezas sejam examinadas. Tempo até para descobrir que algumas perguntas não precisam receber resposta imediatamente.

Isso pode ser difícil para quem chega cheio de entusiasmo.

Quando descobrimos a Ortodoxia, queremos ler tudo, compreender tudo, explicar tudo. E não é raro que, depois de poucos meses, alguém já esteja discutindo questões canônicas, litúrgicas e dogmáticas extremamente complexas nas redes sociais.

Talvez seja necessário aprender uma coisa muito mais difícil: **calar-se e receber**. Antes de explicar a Divina Liturgia, **permaneça** nela. Antes de ensinar os Padres, deixe que eles o ensinem. Antes de defender a Ortodoxia, permita que a Ortodoxia confronte aquilo que existe dentro de você. Antes de corrigir os outros, deixe Cristo corrigir seu coração. Existe uma diferença enorme entre **conhecer a Ortodoxia e deixar-se formar por ela**. E isso leva tempo.

São Teófilo dizia aos seus correspondentes que o domínio dos pensamentos e a verdadeira oração não aparecem “de uma vez”; é necessário trabalho paciente, **recomeçando** sempre. Talvez parte de sua conversão consista justamente em abandonar a necessidade de chegar rapidamente a algum lugar.

Não despreze sua história — mas também não a proteja de Deus

Quem vem de outra tradição cristã não precisa olhar para toda a própria história com desprezo. Talvez tenha sido ali que você aprendeu pela primeira vez o nome de Jesus. Talvez alguém lhe tenha ensinado a amar as Escrituras. Talvez tenha aprendido a rezar. Talvez tenha conhecido pessoas profundamente sinceras que o ajudaram em momentos importantes de sua vida. A gratidão também faz parte da conversão. Mas existe uma diferença entre ser grato pela própria história e torná-la intocável.

Ao entrar na Igreja, permita que tudo seja colocado diante de Cristo. Algumas coisas serão confirmadas e aprofundadas. Outras precisarão ser purificadas. Algumas categorias religiosas talvez precisem simplesmente desaparecer para que você consiga aprender outra maneira de compreender Deus, a Igreja, a salvação e até a si mesmo. Conversão não significa trocar rapidamente um conjunto de respostas por outro. Significa permitir que Cristo transforme aquele que responde.

Talvez Deus esteja mais próximo do que você imagina

São Silvano do Monte Athos conheceu profundamente tanto a experiência da graça quanto sua dolorosa ausência sensível. Seus escritos insistem, porém, na misericórdia de Deus e na humildade como caminho no qual a alma encontra descanso. Isso nos ensina algo precioso: **não devemos medir a proximidade de Deus por nossas sensações espirituais.**

Há momentos em que Ele consola. Há momentos em que experimentamos paz. Há momentos em que a oração parece fluir. E há momentos em que tudo parece seco. Mas talvez justamente nessa pobreza esteja acontecendo alguma coisa que você ainda não consegue enxergar. Talvez Deus esteja libertando você da necessidade de sentir que é espiritual. Talvez esteja ensinando você a receber em vez de controlar. Receber misericórdia. Receber perdão. Receber a Palavra. Receber o Corpo e o

Sangue de Cristo. Receber os irmãos. Receber até mesmo o tempo necessário para amadurecer.

A pergunta então começa lentamente a mudar. Em vez de: **“Estou conseguindo ser um bom cristão?”** começamos a perguntar: **“Estou permitindo que Cristo me transforme?”**

Permaneça!

Talvez, depois de tudo isso, reste uma palavra muito simples. Uma palavra que São João, o discípulo amado, repete tantas vezes em seu Evangelho e em suas cartas: **permanecer**.

Quando os primeiros discípulos encontram Jesus e perguntam onde Ele permanece, Cristo não lhes entrega imediatamente um conjunto de explicações. Diz simplesmente: **“Vinde e vede.”** Eles foram, viram onde Ele permanecia e **permaneceram com Ele** (cf. Jo 1,38-39). Mais tarde, já próximo de sua Paixão, Jesus dirá aos discípulos: **“Permanecei em mim, e Eu em vós.”** (Jo 15,4)

Talvez exista aqui uma palavra especialmente necessária para quem está chegando à Igreja. Você não precisa tornar-se ortodoxo depressa. Você precisa **permanecer com Cristo**.

Permaneça quando a Liturgia ainda lhe parecer misteriosa. **Permaneça** quando sua oração estiver cheia de distrações. **Permaneça** quando descobrir dentro de si pensamentos e hábitos que imaginava já ter superado. **Permaneça** quando o entusiasmo dos primeiros meses diminuir. **Permaneça** quando perceber que leu muito sobre a Ortodoxia, mas ainda tem muito a aprender sobre si mesmo. E **permaneça** também quando não sentir nada. Porque talvez seja justamente aí que a performance comece a morrer.

A performance precisa constantemente de resultados, sinais, confirmações. Precisa saber se está funcionando. Precisa sentir que avançou. Precisa mostrar — aos outros e, às vezes, a nós mesmos — que estamos nos tornando aquilo que deveríamos ser.

Permanecer é diferente. Permanecer significa continuar diante de Cristo quando não temos nada extraordinário para apresentar-Lhe. É dizer: “Senhor, aqui estou.” “Minha oração hoje é pobre, mas aqui estou.” “Meu coração ainda é duro, mas aqui estou.” “Não consigo arrepender-me como gostaria, mas aqui estou.” “Não compreendo tudo, mas quero permanecer

contigo.” Talvez isso seja mais próximo da verdadeira compunção do que imaginamos.

Se você chegou à Igreja trazendo uma longa história religiosa, não precisa escondê-la. Mas também não precisa protegê-la de Deus. **Permaneça diante de Cristo e permita que Ele mesmo faça a obra de discernimento e purificação.** Aquilo que for verdadeiro encontrará n'Ele sua plenitude. Aquilo que estiver ferido poderá ser curado. Aquilo que precisar morrer poderá finalmente ser deixado para trás.

Não tenha pressa de parecer ortodoxo. **PERMANEÇA! Permaneça** na Liturgia. **Permaneça** na oração. **Permaneça** no Evangelho. **Permaneça** na vida concreta da comunidade. **Permaneça** quando compreender e quando ainda não compreender. **Permaneça** quando houver consolação e quando houver aridez. E, sobretudo, **permaneça em Cristo.**

São João não nos diz apenas que devemos permanecer n'Ele. Há uma promessa muito maior: **“Permanecei em mim, e Eu em vós.”** Esta talvez seja a parte que esquecemos quando estamos excessivamente preocupados com nosso próprio desempenho espiritual. **Não somos apenas nós que tentamos permanecer em Deus. Deus deseja permanecer em nós.** A vida cristã não depende apenas do esforço com que tentamos alcançar Cristo. É resposta àquele que primeiro veio ao nosso encontro, chamou-nos e nos ofereceu sua própria vida.

Por isso, se falta compunção, ofereça-Lhe sua dureza. Se falta fé, ofereça-Lhe sua fragilidade. Se falta oração, ofereça-Lhe até mesmo sua dificuldade de rezar. Se você não consegue produzir lágrimas, não as fabrique. **Permaneça!**

A vida espiritual começa a tornar-se verdadeira quando já não precisamos esconder de Deus aquilo que Ele conhece perfeitamente. E talvez adquirir a mente de Cristo comece justamente aí: quando deixamos de tentar parecer aquilo que pensamos que deveríamos ser e consentimos que Cristo encontre, purifique e transforme aquilo que realmente somos.

Porque a Ortodoxia não nos foi dada para que aprendamos a **performar melhor o cristianismo.** Foi-nos dada para que aprendamos a **PERMANECER em Cristo — e a deixar Cristo PERMANECER em nós.**